

O FILME QUE NÃO ACABOU: LEITURAS DA “TERRA VERMELHA” A PARTIR DE OLHOS GUARANI E KAIOWÁ

Edir Neves Barboza

Jones Dari Goettert

Nely Aparecida Maciel

Professores da Licenciatura Intercultural Indígena Teko Arandu (UFGD)

Elizeu Martins Rodrigues

Ládio Veron Cavalheiro

Maria Cristina Benites

Nice Lisiane Nelson Freitas

Onérimo Godoi

Otaniel Ricardo

Rodinei Ramires Marques

Rosenildo Barbosa de Carvalho

Valdelice Veron

Valentim Pires

Zélia R. Benites

Zenildo Lopes

Alunos da Licenciatura Intercultural Indígena Teko Arandu (UFGD)

Resumo: Os olhares atentos e inquietos já anunciavam que as cenas, uma por uma, seriam passadas a limpo, como se as imagens e os sons ressoassem tanto positivities como negatividades. Falamos do filme “Terra vermelha”, assistido, pensado e analisado durante aula do curso Teko Arandu, da Universidade Federal da Grande Dourados. Pretendemos, aqui, apontar o conjunto desses olhares, destacando, em especial, como o filme (e suas diversas cenas) se aproximava e se distanciava das realidades de cada aldeia, de cada comunidade, de cada uma e de cada um. As interpretações demonstraram, fundamentalmente, que a análise do filme é pensada como parte constituinte da própria vida das alunas e dos alunos, e não como se o filme fosse uma mera produção (artística), de fora e distante, que se dissocia do fazer cotidiano (a separação entre o “viver” e o entretenimento, por isso, parece impensada); o filme, nesse sentido, não participa de um “chegar”, mas de um “ser/estar”: as leituras do filme, na medida em que se ligam ao espaço material e imaterial indígena, demonstram uma perspectiva crítica na qual a relação tensa entre “pontos de vista” do não índio e do índio é evidente. “Mostraram só coisas ruins do índio”; “eu fiquei meio que como que apertado como uma cana”; “a terra era ele mesmo”, o índio; “o filme é realidade ou outra inventabilidade?”; “vai de acordo com a visão do não índio”; “o pior suicídio é a pessoa que vive se matando, matando sua própria cultura”, foram algumas das leituras de “Terra vermelha”. As interpretações, assim, extrapolaram o filme em si e ocuparam as próprias relações das alunas e dos alunos, penetrando no contexto tanto da produção do filme como no contexto dos desdobramentos que já provocou nas comunidades, em especial nos jovens. A análise do filme, para as alunas e os alunos, acabou se revelando como espaço de suas próprias resistências, lutas e tensões, participando, de modo mais geral, do próprio movimento indígena.

Palavras-chave: Filme “Terra vermelha”; Guarani e Kaiowá; Olhares.

Introdução

Os olhares atentos e inquietos já anunciavam que as cenas, uma por uma, seriam passadas a limpo, como se as imagens e os sons ressoassem tanto positivamente como negativamente. Falamos do filme “Terra vermelha”¹, assistido, pensado e analisado durante aula do curso Teko Arandu, da Universidade Federal da Grande Dourados. Pretendemos, aqui, apontar o conjunto desses olhares, destacando, em especial, como o filme (e suas diversas cenas) se aproximava e se distanciava das realidades de cada aldeia, de cada comunidade, de cada uma e de cada um. As interpretações demonstraram, fundamentalmente, que a análise do filme é pensada como parte integrante da própria vida das alunas e dos alunos, e não como se o filme fosse uma mera produção (artística), de fora e distante, que se dissocia do fazer cotidiano (a separação entre o “viver” e o entretenimento, por isso, parece impensada); o filme, nesse sentido, não participa de um “chegar”, mas de um “ser/estar”: as leituras do filme, na medida em que se ligam ao espaço material e imaterial indígena, demonstram uma perspectiva crítica na qual a relação tensa entre “pontos de vista” do não índio e do índio é evidente. “Mostraram só coisas ruins do índio”; “eu fiquei meio que como que apertado como uma cana”; “a terra era ele mesmo”, o índio; “o filme é realidade ou outra inventabilidade?”; “vai de acordo com a visão do não índio”; “o pior suicídio é a pessoa que vive se matando, matando sua própria cultura”, foram algumas das leituras de “Terra vermelha”.

As interpretações, assim, extrapolaram o filme em si e ocuparam as próprias relações das alunas e dos alunos, penetrando no contexto tanto da produção do filme como no contexto dos desdobramentos que já provocou nas comunidades, em especial

¹ “Terra vermelha”. Direção de Marco Bechis. Produtora: Classic SRL, Gullane Filmes. Itália; Brasil. 2008. 108 minutos. Uma sinopse: “Mato Grosso do Sul, Brasil, 2008. O suicídio de duas meninas Guarani-Kaiowá desperta a comunidade para a necessidade de resgatar suas próprias origens, perdidas pela interferência do homem branco. Um dos motivos do desaparecimento gradual da cultura reside no conflito gerado pela disputa de terras entre a comunidade indígena e os fazendeiros da região. Para os Kaiowás, essas terras representam um verdadeiro patrimônio espiritual e a separação que sofreram desse espaço é a causa dos males que os rodeia. Uma disputa metafórica é criada. A compreensão e o diálogo buscam espaço nesse antigo conflito. Enquanto isso, o jovem Osvaldo, que vive um terrível embate contra o desejo de morrer, vai furtivamente buscar água no rio que corta a fazenda e conhece a filha do fazendeiro. Um encontro em que a força do desejo transpassa e ao mesmo tempo acentua o desentendimento entre as civilizações” (<http://cinema.uol.com.br/mostra/2008/filme-terra-vermelha.jhtm> [em 27 de julho de 2009]).

nos jovens. A análise do filme, para as alunas e os alunos, acabou se revelando como espaço de suas próprias resistências, lutas e tensões, participando, de modo mais geral, do próprio movimento indígena.

Olhares

Para Rosenildo, o filme “Terra vermelha” mostrou mais as “coisas ruins do índio, que é preguiçoso, bêbado e não os nossos valores”, pois “a gente tem muito para mostrar”. A narrativa, tanto imagética como das falas, acentuou situações e palavras que tendem mais a reproduzir os preconceitos que atenuá-los, por exemplo, no caso dos palavrões – “que não fazem parte da cultura indígena” – e da cena em que a índia “se oferece” ao não índio para lhe tirar a arma de fogo: “não é a vida nossa”, acentuou Rosenildo.

É evidente, para Rosenildo, que o filme é *apenas* uma das várias leituras sobre os povos indígenas. A questão do uso do álcool, a relação pais e filhos e o trabalho fora da aldeia, são momentos importantes do filme, que apresenta as situações e através delas a possibilidade de discussão, reflexão e construção de projetos que minimizem seus desdobramentos negativos. No geral, contudo, o filme, para Rosenildo, tem seu uso em trabalhos escolares bastante restrito, podendo antes intensificar os problemas que ajudar a resolvê-los, como no caso da questão sexual, que o filme explicita de forma “exagerada”, mas que, nas relações entre os guarani, ainda “os professores tem muita dificuldade em trabalhar junto aos alunos”.

Para Rodinei, que já havia assistido o filme junto a uma turma da Educação de Jovens e Adultos (EJA), o resultado é “vergonhoso”. Mesmo assim, pensando em uma análise que prioriza a produção/reprodução do espaço geográfico, entende que, no momento da montagem do acampamento, tanto ao lado do asfalto e entre a cerca da propriedade, como no seu interior, há uma clara demonstração desta produção, *transformando* propriedade privada em território guarani: o espaço também como “teleologia”, isto é, como busca, intenção e projeto de volta para o *Tekoha*, como desejo, sonho e conquista das terras dos antepassados, ou, em outras palavras, fazer o “espaço do pensamento”, ou o “espaço da memória”, como “espaço vivido”, reconquistado, reconstruído, na “transformação do espaço pela ação humana”.

Outro aspecto importante, ressaltado por Rodinei, foi a cena e os diálogos entre “terra de negócio” para o fazendeiro e “terra que era ele mesmo” (na personagem Ladio,

que, diante do fazendeiro, come a terra), como “o meu pai fez isso para as autoridades”, salientou ele. A leitura de Rodinei de “Terra vermelha” é a própria leitura de sua situação no mundo, lendo o filme na relação direta com sua realidade, com o seu lugar, com a sua comunidade, como índio que vive algumas das situações trazidas pelo filme, cotidianamente.

Para Otaniel, não seria o filme “apenas” “outra inventividade”? O filme, como muitos outros, é o olhar do não indígena. E perguntou: “para o índio, o que o filme mostra realmente acontece? Se é arte, é arte para quem?” Daí, que entende que é um filme para o não índio, ao mesmo tempo em que parece favorecer a negatividade em relação aos povos indígenas. Para Otaniel, todo filme tem “um propósito”, mas isso não pode ser elemento que o livre de certa responsabilidade ética, salientou.

Ladio, em sua análise, ressaltou que teve contato com a direção do filme, no final de 2005, na Aldeia Taquara, mostrando ao produtor (Marco Bechis) um documentário de um despejo, segundo ele, a “Operação Juti”, destacando a violência da desocupação. E falara, naquele momento: “queremos fazer um documentário para mostrar para o mundo inteiro, e ele [o diretor] disse, ‘pensamos em fazer um filme’, mas aí disse, ‘mas nós queremos um documentário’”; que foi convidado para participar do elenco, “mas não aceitei porque disse que assim não queria e que tudo devia passar pelas lideranças, e daí o diretor falou com o Ambrósio, o Nadio do filme, porque era para ser eu, o ‘Ladio’”.

Da leitura do filme, Ladio perscruta os bastidores da produção e os resultados da produção final, perguntando “quem se beneficiou do filme, foram os atores índios ou os outros? Para quem ficaram os direitos do filme?”... “Para mim, esse índio [do filme] não vale nada”. A questão central, para Nadio, foi a de buscar refletir sobre os retornos do filme para as comunidades dos “índios-atores”, pois, para ele, deve haver uma relação orgânica entre “o que nós fazemos fora da aldeia com a comunidade da aldeia”, e isso, para ele, parece não ter acontecido em relação a “Terra vermelha”.

Para Nice, o filme “Terra vermelha” atenta contra a ética, reforçando as imagens e concepções negativas sobre os povos indígenas. Salientou, também, um fato curioso que teria ocorrido durante a filmagem do filme, especificamente, logo no início, quando é queimada a casa de uma das jovens índias que comete o suicídio: “quando fizeram a cena, além da queima da casa, também queimaram um frango e um cachorro”.

Valdenice iniciou sua análise dizendo que o filme foi feito por não índios, demonstrando claro desconhecimento da vida indígena, que é um filme para vender,

como qualquer outra mercadoria do capitalismo. Disse que também faria parte do filme, mas foi percebendo que “Terra vermelha” não seria de acordo com o que ela e a comunidade esperavam, e principalmente porque “tinha dinheiro em jogo”.

Salientou como positividade o filme mostrar a relação de exploração que comerciantes desenvolvem em relação aos índios, mas também a negatividade da forma como se dão os suicídios e a relação da filha do fazendeiro com o jovem índio: “isso nunca aconteceria, de jeito nenhum”. Observou também sobre a passagem em que um avião despeja veneno sobre o acampamento, refletindo, de fato, situações já vividas pelas comunidades, além da exploração exercida sobre os índios no corte de cana. Por fim, ressaltou que os índios devem fazer os seus próprios filmes, com os índios e do ponto de vista deles.

Para Zenildo, que já havia assistido o filme duas vezes, a importância de “Terra vermelha” reside em mostrar a necessidade de retomada das terras indígenas, mas que nem todo o filme pode ser usado em aulas junto às escolas indígenas, principalmente em função de cenas de “sexo” quase explícito, pois, próximo de sua aldeia, percebeu que “muitos brancos só compraram o filme [pirata] só para assistir as cenas de sexo”.

Para Valentin, o filme apresenta lados negativo e positivo, mesmo que, em síntese, entenda que o filme aponta os índios como “lixo humano”. Positivamente, entende que o filme aborda algumas situações importantes dos povos indígenas, como a atração exercida pelo mercado para que se consuma, em vez de coisas necessárias, coisas supérfluas, como “uma doença que atinge a cabeça dos indígenas”. Mesmo que o filme apresente suicídios “reais”, para Valentin “o pior suicídio é a pessoa que vive se matando, matando a sua própria cultura”.

Eliezer salientou que o filme, positivamente, apresenta a “cultura da reza” entre os guarani, em especial de sua passagem dos mais velhos para os mais novos. Discorreu também que, mesmo desproporcionais, as imagens sobre as conseqüências do álcool nas aldeias levantam importante alerta tanto para indígenas como para não indígenas.

Para Onérino, o filme já virou mercadoria de comércio dentro da aldeia, vindo de bancas de camelôs. Que o filme é um “ponto de vista”, mas que o capitalismo, do qual o filme faz parte, não respeita nada, muito menos as aldeias. Salientou, a partir do filme, a importância de se pensar no “espaço produzido”, “no que nos resta depois do que foi e do que não foi no ar”, e “no que o filme vai produzir na nossa cabeça”. O filme, como “teleologia”, tem uma intenção e que, por isso, muito mais que mostrar a

“nossa realidade”, tem um compromisso com o mercado, entre diretores e patrocinadores.

Salientou também Onérino, principalmente depois de ter ouvido os vários colegas, que a análise do filme não se centra nele mesmo, mas nas próprias experiências “que nós temos de nossas realidades, de nossas aldeias”.

Já Maria Crisitina, também depois das exposições dos colegas, salientou que “agora somos nós que precisamos rever o filme o como o filme continuará”, como a querer dizer: *quais são as cenas do próximo filme?*

As próximas cenas

De fora, como professores, sentimos na fala das alunas e dos alunos indígenas, em geral, manifestações bastante indignadas, de uma crítica que perpassa o filme em si mas que também se estende para a relação produtores e povos Guarani e Kaiowá. Da turma que assistiu e falou sobre “Terra vermelha”, ninguém teve relação e participação direta com a produção do filme, o que parece também ter contribuído para as análises mais críticas (em outras palavras, os *olhares* sobre o filme também são construídos como parte das relações de poder entre quem participou e quem não participou efetivamente de “Terra vermelha”).

Em especial, *lemos* nas diversas falas das alunas e dos alunos que “Terra vermelha” não é um filme *acabado, pronto, fechado, encenado com suas cortinas já ao chão*. Pelo contrário, o filme *se movimenta* por entre ficção e realidade, entre comunidade e relações fora dela, entre camelôs e televisores das casas índias, como se a própria vida Guarani e Kaiowá não conseguisse separar as próprias “coisas” da ficção e da vida “como ele é”.